

Rússia e EUA tentam estender tratado sobre armas nucleares

Acordo histórico entre as nações teve o prazo expirado nesta quinta-feira (5)

Estados Unidos e Rússia negociam uma forma de estender os termos do último acordo de controle de armas nucleares vigente, o Novo Start, que expirou nesta quinta-feira (5) após 15 anos de vigência.

A informação foi revelada pelo site americano Axios e confirmada à reportagem por uma pessoa com conhecimento do assunto em Moscou.

O tratado caducou por obra do presidente Donald, que não aceitou a proposta de Vladimir Putin de estender o Novo Start justamente por mais um ano, período no qual ele seria renegociado. O americano apenas disse na semana passada que “se expirar, expirou”, e defendeu “um acordo melhor”.

Reunidas para um segundo dia de conversas com ucranianos sobre a guerra no Leste Europeu em Abu Dhabi, delegações russa e americana tiveram conversas separadas sobre o Novo Start.

Até aqui, divulgaram que haverá uma nova comissão de alto nível para assuntos militares entre os dois países, elevando o grau de contato, e o Kremlin voltou a dizer que segue aberto a discussões.

Pelo que foi conversado, a ideia é deixar o Novo Start acabar, até

porque não há tempo legal de estendê-lo, e manter seus termos. A dúvida que fica é se a negociação será aberta a outros países.

Trump sempre defendeu que o texto era anacrônico por não incluir a China, potência nuclear que vem expandindo seu estoque de ogivas rapidamente: segundo a prestigiosa Federação dos Cientistas Americanos, Pequim tinha 290 bombas em 2019, número que foi a 600 neste ano.

Segundo o Pentágono, os chineses poderão estar em paridade com russos e americanos em 2035, ao menos em número de ogivas operacionais no limite que existia no Novo Start: 1.550 para cada lado, mais 800 lançadores (de solo, submarino ou aviões).

Isso quase fez o Novo Start perder validade no seu prazo original, em 2021, dado que tanto a China como sua aliada Rússia discordavam na necessidade de incluir o gigante asiático, mas o novo governo de Joe Biden acabou estendendo o tratado por cinco anos.

Os chineses se fizeram de desentendidos nesta quinta. O porta-voz diplomático Lin Jian disse lamentar o fim do tratado e disse que seu país compartilha as preocupações



mundiais com o tema, exortando Moscou e Washington a buscar um novo acordo - sem citar a eventual participação chinesa.

O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, contemporizou e disse que Pequim não se via à altura das outras duas potências. Ainda assim, no ano passado ele havia dito que a posição russa tinha mudado, e que outros países deveriam participar de negociações sobre controle de armas.

Ele não se referia especificamente à China. Dois aliados dos EUA na aliança Otan, França e Reino Unido, têm somadas 515 ogivas, um arsenal comparável ao chinês, mas com menos vetores de lançamento. Pequim, como os russos e os americanos, opera a chamada tríade

nuclear: armas disparadas de solo, de submarinos e de bombardeiros.

Na quarta (4), a chancelaria russa divulgou nota criticando os EUA e anunciando na prática uma corrida armamentista se achar necessário. Por óbvio, não se referiu ao fato de que o próprio Putin havia colocado um prego no caixão do tratado ao congelar o regime de inspeções em 2023, em protesto pelas sanções devido à guerra.

Até aqui, a Casa Branca não comentou o fim do Novo Start. Se o argumento da obsolescência do tratado é defensável, a inexistência dele abre caminho à lei da selva no controle de armas pela primeira vez em 54 anos.

Em 1972, soviéticos e americanos assinaram o primeiro tra-

tado, ainda incipiente. De lá para cá, foram mais seis acordos, com pequenos períodos em que não estavam vigentes, mas nos quais as potências respeitaram de forma geral seus termos - com uma exceção em meados dos anos 1980, no ocaso da Guerra Fria.

Além da questão dos participantes, já que há ao todo nove potências nucleares no mundo, há também a questão tecnológica.

O Novo Start só se referia a ogivas estratégicas, aquelas com maior poder destrutivo, criadas para acabar com cidades. Só que um dos riscos maiores hoje, como analistas temem que possa ocorrer na Ucrânia, é o emprego de armas táticas, menos potentes e destinadas a campos limitados de batalha.

Além disso, há avanços nos meios de entregar a bomba ao alvo: mísseis hipersônicos, torpedos nucleares e armas espaciais. Nesse campo, Putin tem vantagem grande sobre os rivais, investindo em modelos que já se tornaram realidade e que foram testados com cargas convencionais contra os ucranianos.

O fim do tratado ocorre em um “grave momento”, disse o secretário-geral da ONU, António Guterres, para quem a expiração nesta quinta-feira (5) “não poderia vir num momento pior”. “O risco de uma arma nuclear ser usada é o maior em décadas”, afirmou o português em nota.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Governo Trump anuncia ‘retirada imediata’ de 700 agentes de imigração em Minnesota

O governo de Donald Trump anunciou a retirada imediata de 700 dos mais de 3.000 agentes federais de imigração enviados a Minnesota, segundo afirmou o encarregado de fronteiras da Casa Branca, Tom Homan, na quarta-feira (4). O recuo abrange, portanto, menos de um quarto do contingente enviado ao estado.

A mobilização de milhares de agentes armados na cidade de Minneapolis e arredores começou no final do ano passado. Durante as operações, agentes federais mataram a tiros os americanos Renée Good e Alex Pretti, o que gerou protestos massivos no estado e em outras partes do país.

O número total de 3.000 agentes enviados ao estado - 2.000 do ICE (Serviço de Imigração e Alfândega) e 1.000 do CBP (Alfândega e Proteção de Fronteiras) - foi revelado por Brantley Mayers, advogado

do Departamento de Justiça dos EUA, numa audiência no final de janeiro.

Nesta quarta, Homan afirmou que restarão 2.000 agentes de imigração após a saída dos 700. Segundo o funcionário, a redução parcial se deve à cooperação “sem precedentes” das autoridades responsáveis pelas cadeias dos condados de Minnesota - ele defende que os presídios do estado permitam a transferência de custódia de imigrantes detidos.

“Deixem-me ser claro: o presidente Trump tem toda a intenção de realizar deportações em massa durante este governo, e as ações de fiscalização da imigração continuarão diariamente em todo o país”, disse Homan. “Trump fez uma promessa. E não demos nenhuma ordem contrária.”

Em seu discurso, o funcionário agradeceu às autoridades locais, incluindo o governador Tim Walz e o

prefeito de Minneapolis, Jacob Frey - ambos democratas e críticos do governo Trump e das operações no estado. “Acho que todos nós realizamos grandes coisas em Minnesota”, disse Homan.

Embora tenha mencionado a cooperação de autoridades locais, Minneapolis e outras cidades do estado proibem seus funcionários, incluindo policiais, de questionar pessoas sobre sua cidadania ou de cooperar com a fiscalização federal de imigração, argumentando que isso ameaça a segurança pública caso imigrantes vítimas ou testemunhas de crimes tenham medo de se apresentar.

O governo já vinha indicando um recuo nas operações de imigração desde a morte de Pretti, no final de janeiro. Inicialmente, a gestão o classificou de “terrorista doméstico” que “queria massacrar” agentes federais, apesar de evidências em vídeo e



Revolta da população dos EUA contra os assassinatos do ICE está dando resultado

se afastava dos agentes de imigração após interagir com um deles durante uma operação.

No dia seguinte, o presidente republicano afirmou que o governo estava “revisando tudo” e removeu o comandante da operação de Minneapolis, Gregory Bovino. A ameaça de democratas de não aprovar o orçamento federal com verba extra para o Departamento de Segurança Interna (DHS, na sigla em inglês), responsável pelo ICE, e obrigar uma nova paralisação também foi deter-

minante para a mudança de tom.

Na segunda (2), em outro recuo depois que agentes federais mataram duas pessoas em menos de um mês em Minneapolis, o governo Trump disse que todos os membros do ICE e do CBP vão passar a usar câmeras corporais.

Homan afirmou nesta quarta que 158 pessoas foram presas nos protestos. “Eu disse que se a retórica odiosa não parasse, haveria derramamento de sangue”, disse Homan. “E houve.”